

# A ilustração e/ou os livros para a infância de Bió: sobre alguns “respeitáveis antepassados” da edição contemporânea

Sara Reis da Silva<sup>1</sup>

sara\_silva@ie.uminho.pt

[Illustration / Scientific Illustration]



## Abstract

This study focuses on the illustrations dedicated to the child reader made by Bió (pseud. of Isabel Maria Vaz Raposo). From a set of six books, written and illustrated by this illustrator, we selected, due to some of its linguistic and iconic singularities which made of it a very “modern” edition, one publication: *O Avô Astronauta* (1962). In our analysis, we aim at elucidating, besides its main specificities, the most relevant aesthetics recurrences of its graphic and/or visual architecture, as well as some aspects that distinguish the special intersemiotic synergy celebrated between words or literature and images which, in fact, allows to understand/identify Bió’s pioneering artistic language or style.

## 1. Introdução

A componente ilustrativa das obras especialmente vocacionadas para o destinatário extratextual infantil, embora possua uma considerável História ou tradição (chamemos-lhe assim), apenas nas últimas (duas) décadas (por exemplo, em Portugal), tem vindo a ser alvo de um maior reconhecimento, porque, na verdade, ao longo dos tempos, esta, não raras vezes, foi concebida como um complemento do texto escrito, servindo somente como entretenimento ou distração do pequeno leitor [10]. A investigação contemporânea em literatura para a infância tem, porém, contrariado esta visão logocêntrica, propondo aproximações que, fazendo sobressair o livro infantil como objecto de estudo literário, concebem a leitura como um processo de decifração lato, que prevê justamente não apenas a compreensão do texto escrito, mas também do código imagético. Assim sendo, os estudos de recorte filológico não se afiguram suficientes para descrever a natureza multimoda destas manifestações que, com efeito, se apresentam abertas, plurais e instigantes. Na esteira do que preconiza Sánchez-Fórtun (2003), urge, pois, ampliar os instrumentos de análise e procurar a articulação com outras disciplinas que favoreçam um discurso teórico-crítico e/ou analítico verdadeiramente consentâneo com a complexidade e sofisticação deste fenómeno estético tão amplo e merecedor de uma dilucidação profunda.

Acresce, ainda, o facto de, como, com assiduidade, temos vindo a sublinhar, permanecer por fixar – e tal trabalho/instrumento de trabalho revestir-se-ia de elevada importância –, a partir de uma abordagem que contemple uma periodização, com referência crítica aos nomes e às obras

## Keywords

Children’s Literature,  
Illustration, History, Bió  
(Isabel Maria Vaz Raposo)

<sup>1</sup>Universidade do Minho, Instituto de Educação, Campus de Gualtar - Braga, Portugal.

mais relevantes, uma História da ilustração para a infância, em particular, em Portugal/de autoria portuguesa, mesmo que possamos já contar com estudos parcelares, alguns de raiz académica (por exemplo, Silva [13]) e, ainda, com a útil e - cremos - promissora proposta de Jorge Silva, no conhecido Almanak Silva, blogue no qual se coligem menções a artistas fundamentais das artes visuais ou da ilustração. As alusões pontuais aos autores das ilustrações de obras para a infância patentes nos principais estudos de cariz historiográfico ([9]; [7]; [12]) são apenas isso mesmo e quase sempre: alusões. Daí que se torne (praticamente) impossível o entendimento de nexos, influências, processos ou tendências que a expressão visual vai evidenciando ao longo do tempo. Sublinhamos, uma vez mais, a urgência de investigação em torno da ilustração portuguesa para a infância. A sua História aguarda, ainda, uma (re)composição sólida ou exaustiva, que estipule uma periodização, que avance com uma abordagem diacrónica e sincrónica, que explicita tendências ou vertentes e, essencialmente, que recupere, com um foco verdadeiramente analítico e hermenêutico, obras e/ou textos, autores, editores, colecções, entre outros. Como, em outros espaços/momentos, procurámos deixar registado, tal escassez é inibidora (do avanço) da investigação e resulta numa relativa aridez e num desconhecimento acerca de quem ilustrou (que, em certos casos, também escreveu), do que se publicou e do que se leu, concebido para as crianças, muito especialmente em determinados períodos ou contextos da nossa História, como é o caso, por exemplo, do período do Estado Novo (1926-1974).

Nos finais da década de 90 do século passado, ensaiando uma «contribuição para um estudo profundo e extenso sobre a ilustração e os seus autores em Portugal», Manuela Bronze (1998) descreve o período que vimos de mencionar, identificando-o com «los colores en la sombra, que comprende las décadas de los treinta, cuarenta y cincuenta, com la implantación del Estado Novo, la segunda guerra mundial y la vivencia del régimen fascista» [4]. Acentua o facto de, em Portugal, as estéticas de vanguarda, em concreto o Surrealismo, não se tornarem (medianamente) visíveis antes de 1947, ano no qual se forma o grupo surrealista de Lisboa, e de este movimento, de facto, não se ter reflectido substancialmente na ilustração para a infância. No entanto, assinala que, apesar de tudo, «los libros ganan mayor variedad de formatos. Los caracteres son ahora de cuerpos y tipos diversos denunciando o asumiendo la fuerte tendencia geometrizable del Art Déco.» [4]. Acrescenta também que, na época em questão, não se pode falar exactamente de Design na concepção do livro, embora fossem já conhecidos os princípios estudados na Bauhaus. E, deste modo, «La composición gráfica es ya una preocupación de algunos ilustradores que conciben sus ilustraciones como un diálogo estrecho com el texto.» [4].

Cumpre assinalar o facto de ser ainda neste período que, mesmo pontualmente, figuras das artes plásticas se terem dedicado a criar o texto verbal e o texto ilustrativo, ou seja, a assinar ambos os registos, assumindo, portanto, a concepção dos seus livros como um todo, tendência que é inaugurada na década de 60, com Leonor Praça (1936-1971) e o seu *Tucha e Bico* (1969), por exemplo, e, na de 70, com Maria Keil (1914-2012) e *Os Presentes* (1979), por exemplo. Estas propostas pioneiras têm como segui-

doras, mais tarde, já na década de 90 do século passado e, muito especialmente, na contemporaneidade, Manuela Bacelar (Coimbra, 1943), que, em 1990, publica os livros-álbum já clássicos *O Dinossauro* e *O Meu Avô*, ou, já no presente século, Catarina Sobral (Coimbra, 1985), Joana Estrela (Penafiel, 1990) ou Madalena Moniz, que editam, por exemplo, *Achimpa* (2014), *Mana* (2016), *Hoje Sinto-me...* (2014), respectivamente.

Ora, a ilustradora sobre a qual lançaremos um olhar mais demorado no presente estudo, Bió (pseud. de Isabel Maria de Andrade Rebelo Vaz Raposo), é precisamente salientada por Alice Gomes (1979) por ter sido uma «escritora que ilustrou os próprios livros, além dos de outros autores» [6].

## 2. Algumas notas sobre a ilustração para a infância de Bió

A escassez de dados biobibliográficos acerca da ilustradora sobre a qual centramos a nossa atenção não faz desta artista plástica um caso pontual ou excepcional, como, efectivamente, temos vindo a notar em outras pesquisas levadas a efeito nos últimos anos, várias já publicadas. Constitui, na realidade, nota dominante, quando pretendemos “saber mais” sobre os criadores de livros e/ou de literatura para a infância, muito especialmente no período estado-novista. Sobre Isabel Maria Vaz Raposo (Lisboa, 1929), que também assina com o pseudónimo Bió, sabemos<sup>2</sup> que foi escritora e ilustradora e que publicou vários livros na colecção «Cavalinho Preto» da Verbo, sobretudo no início dos anos 60 do século XX [2]. Em 1961, pelo conjunto da sua obra, recebeu o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, prémio de literatura infantil, iniciado em 1937 e extinto em 1972, que foi instituído pelo Secretariado da Propaganda Nacional<sup>3</sup> (depois SNI) do regime do Estado Novo.

Alguns destes dados encontram-se, aliás, anotados no registo biobibliográfico patente em <https://www.blurb.de/user/tcarmona>: «Isabel Maria de Andrade Rebelo Vaz Raposo conhecida no meio como Bió.

Nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1929. Filha de Valentina de Andrade Pequito Rebelo Vaz Raposo e de José Hipólito Raposo<sup>4</sup>, que foi escritor, cedo, e tal como os seus irmãos, o ambiente em casa a levou à escrita e ao desenho.

Estudou no Colégio do Sagrado Coração de Jesus e no Colégio Irlandês do Bom Sucesso em

Lisboa. Estudou, ainda, na Cruz Vermelha Portuguesa.

Teve Lições de Pintura com o Pintor Domingos Rebelo [Ponta Delgada, S. Miguel, 1891-Lisboa, 1975]<sup>5</sup>. Ilustrou para: Sophia Mello Breyner

<sup>2</sup> Deixamos aqui registado o nosso profundo agradecimento à Mestre Andréa Avelar Duarte, estimada amiga, que, envidando diversos esforços, conseguiu contactar alguns familiares da autora (designadamente, um dos filhos, Dr. António Carmona dos Santos) e, deste modo, apurar e expandir alguns dados biobibliográficos, muito particularmente a fotografia que aqui publicamos, assim como as referências à formação e às relações interpessoais de Bió.

<sup>3</sup> Sobre este assunto, vide Pinto, 2008 [8].

<sup>4</sup> Sobre este intelectual, uma das mais proeminentes figuras do Integralismo Lusitano, vide: [https://www.estudosportugueses.com/hipolito\\_raposo.html](https://www.estudosportugueses.com/hipolito_raposo.html) (consultado no dia 05/05/2021).

<sup>5</sup> Sobre este pintor, vide: [https://www.infopedia.pt/\\$domingos-rebelo](https://www.infopedia.pt/$domingos-rebelo) (consultado no dia 05/05/2021).



Fig. 1 Fotografia de Isabel Maria Vaz Raposo (década 50-60?)



Fig. 2 e Fig. 3 Capa de *A Fada Oriana*, 1ª edição, com ilustrações de Bió, capa de Quito sobre quadro de Nuno de Siqueira (1958); página ilustrada por Bió.

Andresen: *A Fada Oriana* em 1958; Maria do Carmo D'Allen: *Os Dois Meninos* e Maria Isabel de Mendonça Soares: *O Marujinho que perdeu o norte*.

Escreveu, ilustrou e publicou na Verbo na colecção Cavalinho Preto na década de 60 do século passado, e com várias edições: *A Menina Feia*, *O Avô Astronauta*, *A Formiga*, *O Menino Gordo* e *O Sábio e a Borboleta*. Com estes livros, recebeu o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho. Participou no jornal de [sic] crianças *Alvorada*.»<sup>6</sup> [14].

Também Maria Augusta Seabra Diniz, assina uma bionota similar, disponível em <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=13254> [5]

A estas referências somamos o facto de, além de ter tido lições de pintura com o açoriano Domingos Rebelo, conforme registado, ter tido, ainda, aulas de cerâmica com Manuel Cargaleiro (1927-) e de desenho com Raquel Roque Gameiro (1889-1970). No que concerne às suas relações com figuras da cultura portuguesa à época da edição dos seus livros, conviveu de perto com Luís de Sttau Monteiro (1926-1993), Francisco Sousa Tavares (1920-1993), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) e Maria do Carmo D'Allen (?-?).

A Isabel Maria Vaz Raposo encontramos, ainda, uma alusão na panorâmica *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (1997), de José António Gomes, que a menciona como autora, entre outras, de uma obra merecedora de referência [7]. Natércia Rocha, por seu turno, refere-se à ilustradora em pauta como um dos nomes com obra integrada na colecção «Pica-Pau» da Editorial Verbo [9] e volta a salientá-la aquando do elenco dos premiados com o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho [9].

Assim, como se pode ler nos registos bibliográficos que citámos ou aos quais aludimos, depois de ilustrar *A Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen (Ática, 1958) e *O Marujinho que Perdeu o Norte*, de Maria Isabel Mendonça Soares (Ática, 1958), e já na década de 60 do século passado, Bió ilustra *Os Dois Meninos*, de Carmo Allen (Verbo, 1960). É a partir precisamente de 1960 que a artista inicia a criação e edição de um conjunto de volumes escritos e ilustrados por si própria, a saber *História da Menina Feia* (Verbo, 1960)<sup>7</sup>,

<sup>6</sup> Segundo registo de um dos filhos, Dr. António Carmona dos Santos, Bió terá escrito a seguinte bionota (bastante coincidente, aliás, com a já transcrita): «Pequena Descrição do autor. Nome: Isabel Maria de Andrade Rebelo Vaz Raposo conhecida no meio como Bió. Nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1929. Filha Valentina de Andrade Pequito Rebelo Vaz Raposo e de José Hipólito Raposo, que foi escritor, historiador e político e que se notabilizou como um dos mais destacados dirigentes do Integralismo Lusitano, cedo, e tal como os seus irmãos, o ambiente em casa a levou à escrita e ao desenho. Estudou no Colégio do Sagrado Coração de Jesus e no Colégio Irlandês do Bom Sucesso em Lisboa. Estudou ainda na Cruz Vermelha Portuguesa. Teve Lições de Pintura com o Pintor Domingos Rebelo. Tem três filhos e duas netas. Ilustrou para: Sophia Mello Breyner Andresen: *A Fada Oriana* em 1958; Maria do Carmo D'Allen: *Os dois Meninos*; Maria Isabel de Mendonça Soares: *O Marujinho que perdeu o norte*. Escreveu, ilustrou e publicou na Verbo na colecção Cavalinho Preto na década de 60 do século passado, e com várias edições: *A Menina Feia*; *O Avô Astronauta*; *A Formiga*; *O Menino Gordo*; *O Sábio e a Borboleta*. Com estes livros recebeu o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho. Participou no jornal de crianças "Alvorada".»

<sup>7</sup> Segundo informação enviada (email datado de 15/05/2021) pelo colega e amigo Dr. Rui Marques Veloso, a quem agradecemos a partilha, *A História da Menina Feia* teve, em 1963, uma segunda edição, com uma tiragem de 6000 exemplares.



*O Sábio e a Borboleta* (Verbo, 1960), *A Formiga* (1960), *O Menino Gordo* (1960) e *O Avô Astronauta* (Verbo, 1962). Em 1981, veio a lume a publicação *A Adopção* (C.C.F.) que conta, igualmente, com ilustrações de Bió.

Os cinco volumes inseridos na colecção «Cavalinho Preto» evidenciam um estilo mais ou menos constante, que se distingue por uma recriação visual das personagens de cada uma das narrativas a partir do recurso ao sinal contorno, à intersecção de linhas ou traços e à aguarela. A obra *A Formiga* diferencia-se pelo monocromatismo, ou seja, pelo recurso exclusivo ao negro. Comum a todas estas publicações é a representação fisionómica de emoções ou sentimentos como a fúria, a surpresa, o medo ou a alegria. Em alguns destes textos, destaca-se a ficcionalização do tópico da diferença ou do invulgar, bem como a prevalência de diferentes cenários naturais.

Não obstante as particularidades narrativas e pictóricas que pautam as publicações em causa, deste conjunto sobressai o título *O Avô Astronauta*, obra que elegemos, como objecto de uma análise mais detalhada, na presente abordagem, opção que se justifica pela singularidade que caracteriza este volume, aliás, já apelidado de «surpreendente» por Jorge Silva [11].

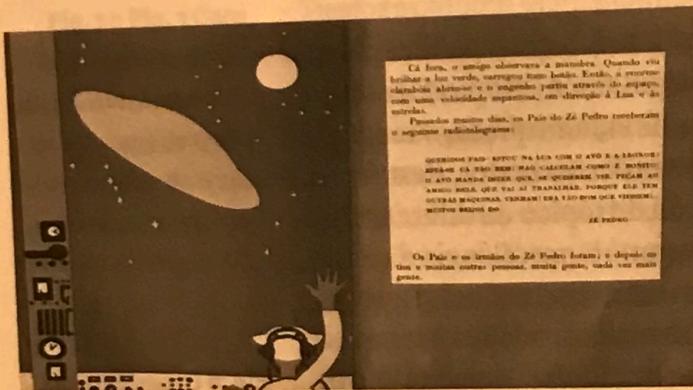
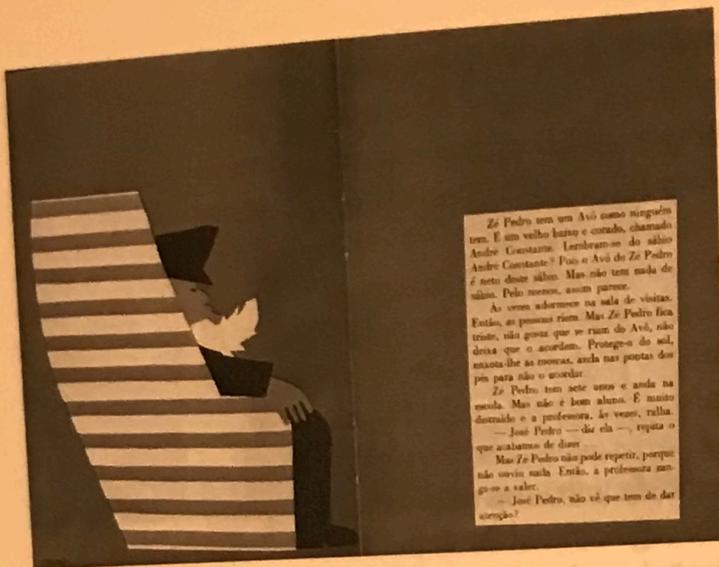
**Figs. 4 e 5** Capa de *O Marujinho que Perdeu o Norte*; página ilustrada por Bió.

**Fig. 6** Capas de obras escritas e ilustradas por Bió, editadas na colecção «Cavalinho Preto».



*O Avô Astronauta*, com texto e ilustrações assinados, portanto, por Bió, constitui uma «Edição realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as bibliotecas junto das escolas primárias», como se pode ler na sua folha de rosto, “mecanismo” estatal que também possibilitou a publicação de obras da autoria de alguns (outros) nomes incontornáveis da literatura para a infância, designadamente de Maria Cecília Correia (1919-1993) ou Luísa Ducla Soares (Lisboa, 1939), apenas para citar dois exemplos.

**Fig. 7** Capa de *O Avô Astronauta*.



**Fig. 8** Segmentos verbo-icónicos correspondentes à situação inicial e ao desenlace.



**Fig. 9** Exemplo de página dupla de *O Avô Astronauta*.

Não podendo ser entendido como um livro-álbum puro, o facto é que a sua mancha gráfica e a sua composição da página reflectem uma especial disposição, muito coerente e constante, assente essencialmente na estratégia da inclusão do texto verbal, impresso a preto, em caixas de texto de fundo branco, manifestamente contrastivo com o fundo azul sobre o qual os segmentos pictóricos se encontram dispostos. Trata-se, com efeito, de uma apresentação visual que parece assentar na articulação de pedaços ou partes de ilustrações recortadas e conjugadas ou devidamente associadas. E, em alguns desses “espaços” recortados ou “janelas”, surge inserido o relato linguístico.

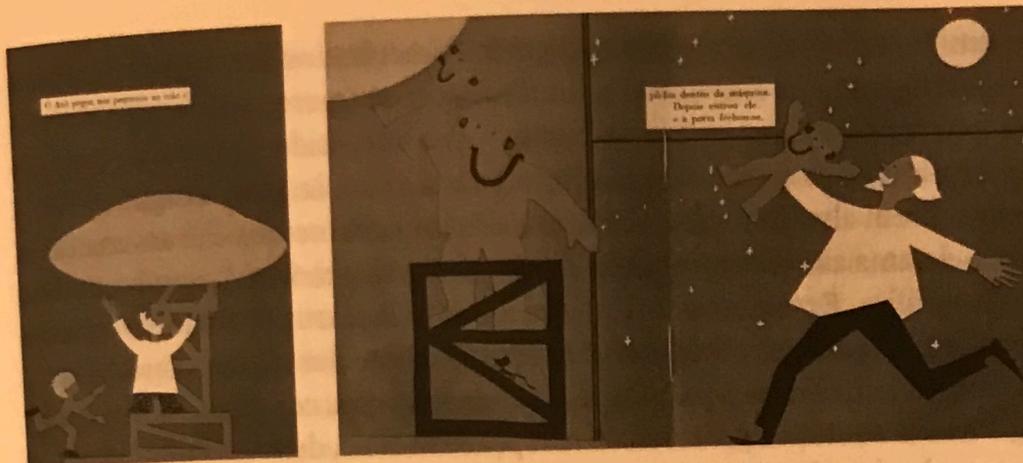
Além disso, a opção pela página dupla e pela inclusão de trechos linguísticos numa página, incompletos (quebra da continuidade) e cuja conclusão só pode ser lida na página seguinte (fig. 10 e 11), configura igualmente uma estratégia bastante

inovadora, à época de edição do volume em análise, desempenhando uma importante função no próprio envolvimento do destinatário extratextual no decurso do acto de ler. Ao nível da composição ilustrativa, é possível, ainda, observar uma subtil construção igualmente extensível de uma página para a seguinte (que é dupla), constatando-se, portanto, um ligeiro desdobramento [1].

As ilustrações, em cores compactas, com segmentos geometrizarantes e que «parecem ser resultado de uma colagem de papéis coloridos, bem acompanhada pela impressão em quatro cores diretas.» [11], corporizam com eficácia as palavras, em certos casos, até ampliando os significados do próprio texto verbal. Por vezes, estas introduzem certos implícitos apenas descodificáveis por leitores com

uma cultura (literária) mais abrangente, como é o caso, por exemplo, do segmento visual no qual o protagonista infantil, recriado visualmente de costas, ostenta umas orelhas de burro, uma representação que, para muitos receptores actuais, funciona como uma evocação do sistema punitivo do insucesso (muitas vezes, apenas das dificuldades de aprendizagem ou de (supostos) comportamentos desviantes) que caracterizava o processo de ensino-aprendizagem ou a escola no período ditatorial.

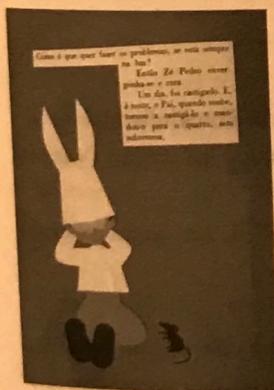
Aberto e fechado por meio de ilustrações, o conto em pauta, com laivos do moderno livro-álbum, tem como co-protagonistas o avô André Constante



**Fig. 10 e Fig. 11**  
 Pormenores do miolo de *O Avô Astronauta* (estratégia da (quebra de) continuidade).

- personagem que surge no conto *O Sábio e a Borboleta*, facto que, em última instância, serve de chave interpretativa para a questão patente na abertura de *O Avô Astronauta*: «Lembram-se do sábio André Constante? Pois o Avô do Zé Pedro é neto deste sábio» [3] - e o neto Zé Pedro, que «tem sete anos e anda na escola. Mas não é bom aluno» [3]. Consiste, pois, essencialmente no relato das vivências quotidianas deste neto, que, enfrentando dificuldades (de concentração, na aquisição de conteúdos matemáticos, etc.) na escola, descobre que o Avô, afinal, não era apenas um «velho baixo e corado» que adormece na sala de visitas. Ciência, sonho e concretização de expectativas demarcam este relato cujo *explicit*, além de configurado a partir do maravilhoso - e esta será uma das camadas de leitura possíveis e mais imediatas -, também pode ser entendido como uma bem disfarçada nota crítica ao contexto histórico-político da década de 60 do século passado, marcado pelo (desejo de) saída do país por parte de tantos portugueses: «Os Pais e os irmãos do Zé Pedro foram; e depois os tios e muitas outras pessoas, muita gente, cada vez mais gente.» [3].

Em suma, narrativa breve, perpassada por temáticas com as quais o potencial destinatário extratextual infantil facilmente se identificará, nomeadamente a(s) dificuldade(s) na escola, a relação afectiva, de proximidade e cumplicidade com o avô, a família, a tecnologia e as suas potencialidades na concretização de sonhos, a aventura ou a viagem, entre outros, *O Avô Astronauta* apresenta-se como um exemplar que continua passível de diferentes leituras contemporâneas. Tanto a sua configuração actancial e as suas linhas ideotemáticas, como a sua linguagem e o seu estilo, pautados pela vivacidade, pontuados de passagens em discurso directo e por um atractivo



**Fig. 12** Segmento do miolo de *O Avô Astronauta*.

tom dialógico e coloquial, pela adjectivação, entre outros, presentificam - digamos assim - o texto, ou seja, tornam-no próximo do destinatário extratextual infantil contemporâneo, visto que os traços que vimos de enunciar não são datados ou, por outras palavras, prevalecem actuais.

### 3. Considerações Finais

Na proposta que, neste breve estudo, apresentámos, além de intentarmos evocar uma artista cuja obra, vinda a lume num quadro histórico-político reconhecidamente inibidor das artes e da cultura - recorde-se, por

exemplo, a promulgação, em 1950, pela Direcção dos Serviços de Censura de *Instruções sobre Literatura Infantil* – teve uma (merecida) recepção e reconhecimento, procurámos atestar quer a necessidade de situar contextualmente as expressões literárias para a infância, quer a urgência de estas serem alvo de uma percepção holística – chamemos-lhe assim – ou seja, de uma análise simultânea do policódigo literário e da configuração iconográfica. Entender a obra na sua totalidade textual ou compreender e interpretar a componente verbal e a componente ilustrativa, concebidas como vertentes intersemioticamente relacionadas, constitui uma estratégia fundamental no processo de recepção leitora e, de forma mais lata, do ponto de vista da educação literária e estética.

E, neste processo de leitura, interpretação e análise, como, aliás, temos vindo a preconizar, importa cruzar ou articular criticamente a História e a biografia (naturalmente, sem pretender ler as obras à luz dos acontecimentos vivenciais do seu autor), assim como a teoria e a crítica literárias.

Em suma, «Contemporânea das teses de Calvet de Magalhães [1913-1974] sobre o primado da ilustração para crianças feita por crianças, que teve a sua máxima expressão nas coleções *Carrocel*, as “colagens” gráficas de Bió não tiveram sequência à altura, mas ficaram como um respeitável antepassado de muita da excelente ilustração portuguesa contemporânea.» [11]. Com efeito, não será difícil encontrar, em certas composições visuais da edição actual, registos similares ao de *O Avô Astronauta* – basta pensar, por exemplo, em algumas ilustrações de Bernardo P. Carvalho –, facto que, por si só, permite atestar o pioneirismo de Bió. Esta razão será suficiente para justificar o facto do nome de Bió (Isabel Maria de Andrade Rebelo Vaz Raposo) vir necessariamente a figurar de qualquer abordagem alargada e sistemática, simultaneamente panorâmica, monográfica e analítica, focada na edição ou na literatura portuguesa para a infância.

## Referências

- Armas, Jesús Díaz. Estrategias de desbordamiento em la ilustración de libros infantiles In: VIANA, Fernanda et al.. *Leitura, Literatura Infantil Ilustração. Investigação e Prática Docente*. CESC/UM: Braga pp. 171-180 (2003).
1. Barreto, António Garcia. Raposo, Isabel Maria Vaz In: *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras, p. 447 (2002).
  2. Bió. *O Avô Astronauta*. Lisboa: Editorial Verbo (1962).
  3. Bronze, Manuela. 100 años de libros ilustrados en portugués para niños. Una contribución para un estudio profundo y extenso sobre la ilustración y sus autores en Portugal. In: MARTOS NUÑEZ, Eloy et al. (org.). *Actas del II Congreso de Literatura Infantil y Juvenil: Historia crítica de la literatura infantil e ilustración ibéricas*. Cáceres: Editora Regional de Extremadura, pp. 35-39 (1998).
  4. Diniz, Maria Augusta Seabra. Isabel Maria Vaz Raposo – disponível em <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?Auto-rlid=13254> (2011) (consultado no dia 01 de Maio de 2021).
  5. Gomes, Alice. As figurinhas In: *A Literatura para a Infância*. Lisboa: Torres e Abreu Editores, pp. 26-35 (1979).
  6. Gomes, José António. Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude. Lisboa: MC/IPLB, p. 37 (1997).

7. Pinto, Rui Pedro. Prémios do Espírito. Um Estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2008).
8. Rocha, Natércia. Breve História da Literatura para Crianças em Portugal. Nova edição actualizada até ao ano 2000. Lisboa: Caminho (1ª ed. – 1984) (2001).
9. Sánchez-Fórtun, José Manuel. Literatura Infantil: claves para la formación de la competencia literária. Málaga: Ediciones Aljibe (2003).
10. Silva, Jorge. «A forma das cores» - disponível em <https://almanaquesilva.wordpress.com/tag/bio/> (2013) (consultado no dia 02/05/2021).
11. Silva, Sara Reis da. Capítulos da História da Literatura Portuguesa para a Infância. Coleção Percursos da Literatura Infantojuvenil/16. Porto: Tropelias & Cª (2016).
12. Silva, Susana. A ilustração portuguesa para a infância no século XX e movimentos artísticos: influências mútuas, convergências estéticas. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança – especialidade de Comunicação Visual e Expressão Plástica). Braga, 2011. 515f. – Universidade do Minho – disponível em <http://hdl.handle.net/1822/19682> (2011) (consultada no dia 10/02/2021).
13. S./n. (Bió) Isabel Vaz Raposo - disponível em <https://www.blurb.de/user/tcarmona> (s./d.) (consultado no dia 12 de Maio de 2019).

